em torno da causa

BÁRBARA GUATIMOSIM

* NOMINAÇÃO: Figura pela qual se dá nome a uma coisa que não o tem.

* Nomeação: Ato ou efeito de nomear, atribuição de cargo ou função privada.

* Titulação / Título: Chamar, apelidar, dar um título a, registrar em títulos autênticos. / Já a palavra Título desdobra-se em mais de doze sentidos no *Dicionário Aurélio.*

para introduzir

A questão do nome do pai em Lacan é pontuada de maneiras diversas e em momentos diversos: passa pela metáfora paterna incidindo sobre o desejo da mãe, pelo não (*non*) que carrega o seu nome (*nom*), como aquele pai que nomeia, dá o nome próprio, como enodamento das três dimensões R.S.I., ficando em aberto outras versões, no plural dos nomes do pai.

Parto de alguns recortes do *Seminário XXI: Les non dupes errent* (1973/74), inicialmente da lição de 19 de março de 1974, em que se pode ler Lacan retomando e mesmo articulando essas várias elaborações sobre o nome do pai, ao marcar a incidência, a via de um momento em que se vive na história. Lacan, então, indica o que se trata de ressaltar, dizendo que a incidência do nome do pai sobre a mãe é fazê-la traduzir esse nome (*nom*) por um não (*non*). A mãe passa, assim, uma série de proibições, marcando paradas, hiâncias, que nos introduz nos fundamentos da negação e do corte. Mas, em substituição a isso, pode acontecer o que Lacan chama de *nomear para*, ou *nomear a* (uma nomeação diferente de "*to name*", batizar — dar o nome próprio e que difere outrossim de denominar),[1] que **prefere**, passa adiante do que tem a ver com o nome do pai por se constituir como um projeto materno, logo incestuoso, que, mesmo na ausência da mãe, deste Outro que esta muitas vezes encarna, pode antepor-se ao efeito do nome do pai, podendo passar e estender-se em uma ordem de ferro que se articula como nó no social. Mesmo os mais belos e bem intencionados projetos éticos, por traçarem medidas universalizantes e muitas vezes imperativas, não consideram o sujeito na complexidade de suas dimensões e, principalmente, no particular de seu desejo, naquilo que o guia e o causa. Nosso "*Outron*"[2] é, ao final, um elemento impessoal do nosso corpo

[1] LACAN. *O seminário: livro XXI*, lição 11/12/73.

[2] LACAN. *O seminário: livro VIII*, p.201.

teórico, que diz do fundante, do desejante primordial. Nenhum Outro, pela ética da psicanálise, pode conduzir alguém para o bom caminho.

Passo agora à lição de 9 de abril de 1974, do dito Seminário em que Lacan, retomando seu texto *Situação da psicanálise em 56*, reflete que, se um analista não se autoriza senão por ele mesmo, fica complicado pensar que o analista possa, então, "ser nomeado da análise como membro associado, membro titular" e, exagerando, pergunta: "não seria de rir ser nomeado à Beatitude?" Esta reconsideração, para Lacan, implicaria, então, que a fórmula axial feita na "Proposição" recebesse alguns complementos: "alguns complementos que implicam que, seguramente, não se pode ser nomeado da psicanálise", o que não quer dizer que qualquer um se inscreva como analista, pois é preciso que se inscreva quando há "*du psicanaliste*". É do que emerge do real como um funcionamento diferente no discurso, o que poderia articular-se na Escola como uma invenção que saísse do grupo, sem recair na velha rotina, pois são os velhos hábitos que fazem a base do discurso universitário, em que se nomeia a, a um título, detendo este sua pertinência tradicional na estrutura universitária e, talvez, eliminando aí qualquer questão a respeito. Sabe-se que a restauração da pregnância narcísica — que a psicanálise tem por fim liquidar — pode ser favorecida a partir do modo como as garantias são tratadas.[3] Também em 1976, Lacan reitera esse seu aparte: "Pois nomear alguém analista, ninguém pode fazê-lo", e nem Freud o fez.[4]

[3] Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, p.31.

[4] Lacan. Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*, p.61.

Para que os títulos psicanalíticos não deslizem para uma nomeação universitária, ou ordenada neste funcionamento, é preciso que os primeiros não sejam meramente uma contraposição da segunda, o que os colocaria num jogo de oposição especular, refletindo a concorrência dos mesmos. Mesmo que se parta daí, pelo fato mesmo de que este escorregamento ocorre, fato que Lacan constatou, uma outra demarcação seria instaurar maior precisão quanto à qualificação analítica, que possa descolar-se deste confronto comparativo, para marcar sua radical especificidade. Penso que é por esta razão que Lacan pode dizer e repetir que o *gradus* e a hierarquia não se confundem, não havendo supressão da última, mas, sim, ruptura.

Para tal, é preciso trançar e cernir o que poderíamos chamar de *gradus* e título (palavra que carrega sentidos tão diversos) analítico, para que esta borda funcione como ponto nodal de resistência aos possíveis deslizamentos, e fazer valer na transmissão o que concerne à qualidade analítica. Um

princípio pode orientar: a forma de qualificar um analista não poderia diferir da ética de sua práxis. Retomando a "Proposição sobre o psicanalista da escola", em suas duas versões, vemos que é basicamente isso que interessa: que "*du*" psicanalista se inscreva, em uma extensão que só pode advir da intenção, o que faz da experiência analítica o suporte possível de uma comunidade de Escola em trabalho, presente no mundo. Com o *Discurso à E.F.P.*, em suas duas versões, e em outros textos, isto retorna em uma inflamada reiteração.

do AE

O que vemos Lacan buscando desenhar não é um sujeito, nem um ser, nem um cargo; mas, muito mais, o lugar e o momento em que, no psicanalisante, ao final de sua experiência, emerge o desejo do analista, ato que corta em seu tempo a via analisante na qual se constitui, mesmo se a esta retornamos. Este lugar ímpar do analista é "de um risco louco",[5] ao se apostar funcionar para alguém, às voltas com seu desejo (onde o socorro médico-terapêutico não ajuda muito), como presença — suporte desde a transferência até sua evanescência.

[5] LACAN. Sobre a experiência do passe, p.57; LACAN. Jornadas sobre a experiência do passe, p.63.

O AE é, para Lacan, um conceito que se mantém incógnito, esvaziado, quase um xy do que poderia ser um Analista de Escola. Notação que, para fazê-la dizer algo, é preciso esboçar ainda que este, o Analista (conceito vazio), seja esta experiência de "metamorfose" e, por sua vez, o coração da Escola (outro conceito vazio), que surge do ato explícito que o inaugura, função analítica encetada da "experiência original" de cada um. Se não fosse assim, saberíamos definitivamente o que é um analista, e a escola, sempre a se fazer, já estaria prontamente preconcebida. É pensando assim que entendo como o AE, sem preencher a Escola ou fechar-se nela, deve dirigir-se ao interior da Escola, pois a causa analítica, recortada de sua experiência e daí externada, pode, em meio ao grupo, "lembrar" o que é uma Escola de psicanálise.

O AE, uma sigla suspeita, não é, portanto, nem nome próprio, nem uma nomeação a, nem título a ser ou ter, pois, como transitoriedade em transmissão, AE são duas letras que emolduram um não saber, moldura sem a qual não há possibilidade de nenhuma formulação mesmo de um saber parcial, que relança um não-saber que se renova, tanto acerca do Analista como da Escola. A nominação dentro de um prazo faz com que a novidade se repita e que uma significação não conforte o sentido. AE é um matema que corta a unidade e univocidade significante, uma invenção que, a partir do

momento que se escreve, enquadra e cria a possibilidade de um testemunho, que cessa de não se escrever. Este matema indica, sem dizer tudo, como em um sujeito pode acontecer a passagem ao analista, ao objeto e ao ato que, em torno da causa, faz e recria a Escola. Tanto é matema, que esta passagem solidária à efetivação da castração e queda do objeto *a*, vazio que tira do sujeito qualquer chance de obturar o desejo, simplifica-se na fórmula da inconsistência do Outro, S(Ⱥ), de onde não sai nem a perfeita, nem a última palavra. É, pois, do não-todo que provém o analista.

É constatando isso que Lacan minimiza o AE: "Apliquemos S(Ⱥ) a AE. Isso dá: E. Resta a Escola ou Ⱥ. Prova, talvez."[6] A Prova da análise, razão de uma Escola. Fundamento mesmo das operações lógicas, o recurso à letra é aí inerente a essa passagem ao real, e à possibilidade da transmissão de um impossível.[7] E, se não podemos nomear este real com todas as letras, preenchendo-o de sentido, retomemos, então, o termo inicial do texto que mais nos convém. A invenção de Lacan do AE diz mais de uma *nominação* (termo que "dá um nome a alguma coisa que não o tem", notação que indica um movimento de passagem, algo inédito, que uma palavra dicionarizada não sabe conter.) Nominação que, ao se dar pela via do matema, convoca o modo próprio de cada um, nas letras de uma denominação comum, do que pode configurar o tornar-se analista, no um a um. O AE veicula sua função de transmissão desde o matema que o nomina. O "reconhecimento" soletrado convoca o saber textual, já que, como letras a meio dizer, dessupõe o referencial prévio de um saber que saiba.[8] O desejo do analista, que, como todo desejo, articula-se sem ser articulável, diferente do desejo de ser analista, que pode estar na mira de identidades, não é analisável. Mas com o passe deveria ser situável, a partir desse dispositivo que cria as condições para que o desejo module o impossível do dizer.

[6] Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, 1ª versão, p.16.

[7] Lacan. *O seminário, livro XXI*, lição 9/04/75.

[8] Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, p.35; Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, 1ª versão, p.11.

do AME

Lacan indica estas letras para o analista que, tendo em sua prática sustentado uma série de atos, deixa visível e constatado pelo corpo social seu interesse e compromisso para com a psicanálise. É aquele que sabemos ter funcionado como analista. É uma candidatura que se oferece pela evidência de um trabalho, não havendo, aqui, necessidade de demandar a nominação, pois esta já se encontra aí, nos ditos, escritos e trabalhos clínicos e teóricos efetivados, sem necessidade de ser membro da Escola que o homenageia, mas tendo dela

participado. Daí, é possível ver a ironia de sua nominação, já que é o percurso feito que atesta que um psicanalista deu provas de formação suficiente (diferente de ser Suficiente), no exercício de sua função. É um dado. Mas, do AME, de sua sigla irônica, tiramos também a suspeição de uma vocação matêmica. O AME, ao ser nominado, é também desafiado em seu íntimo, na sua qualidade de membro efetivo, pois "não é *com isso* que ele opera".[9] As letras mesmas da notação do AME, aquelas do Analista e da Escola, apertam o Membro titular, convidando-o a dar seu testemunho, além das provas dadas ao corpo social. É por isso que acho difícil entender como seria possível um AME tornar-se AE, a partir de testemunhos que não sejam o seu, a sua maneira, ou desde outras vias que não implicam a prova de sua passagem. Parece-me que isto vai contra a própria proposta de Lacan, para quem a nominação de AE faz sua distinção ao requerer as provas de um testemunho instituinte e não já instituído. De outro modo, é razoável e conseqüente que um analista seja designado AME, desde a emergência de um AE em uma análise por ele dirigida. O AME chega muito perto da concepção do analista didata, mas não o é, e, para Lacan, o que faz a diferença é a existência do passe e do *gradus*, que pretende extrair das qualificações qualquer possibilidade de beatitude ou de Suficiências.

[9] Lacan. Nota italiana, p.50; Lacan. Um procedimento para o passe, p.23-4.

do *gradus* e da escola

Tanto as qualificações de AE e AME quanto as instâncias que fazem parte dos dispositivos de garantia, como passadores e psicanalistas do júri de aceitação e analistas do júri de acolhimento, como Lacan os designa nos textos trabalhados, bem como os candidatos e analistas não nomeados, todos fazem parte, têm algum lugar nos dispositivos analíticos da Escola. Portanto, no trabalho da garantia, as tarefas são analíticas, visando avanços na teoria e na clínica, progressos, desde a entrada, sobre os efeitos, obstáculos e conclusão de uma análise e, principalmente, esclarecimentos sobre a aposta da qual se vale o desejo do analista a ser verificado. Não sendo, então, por tudo isso, uma mera seleção, ou organograma administrativo, de caráter distributivo. Tanto é assim que, ao final da primeira versão da *Proposição*,[10] Lacan aplica à escritura do grafo o funcionamento que propõe, em que fica ainda mais clara a estrutura matêmica que ele pretende imprimir às nominações e instâncias de garantia. Então, dentre outras possíveis, uma leitura:

[10] Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, 1ª versão, p.19; Lacan. Proposição de 9 de outubro de 1967, p.35.

Substituindo S(Ⱥ) por AE, (Ⱥ<>D) por psicanalisantes do júri de aceitação, S(Ⱥ) por AME e A por psicanalisantes quaisquer, mostra-se que o *gradus* é uma articulação analítica que implica os códigos fundamentais da aventura do sujeito do desejo em nossa experiência do inconsciente. O primeiro patamar do grafo, pontuado pelas letras AME e A, situa pontos da fundação significante, onde circulam o traço unário necessário, que inaugura a falta, promove as identificações e a dimensão dos ideais especulares, presentes na estrutura do grupo. Espaço ainda do trânsito das negociações e dos benefícios. Podemos ainda ver aí o AME como este produto acabado, uma significação dita, que atesta, oferta, ponto alvo e, por sua vez, constituído das transferências e demandas que podem retroalimentar este circuito desde os psicanalisantes da comunidade analítica, no canto A do tesouro dos significantes, no qual somos/estamos sujeitos. As letras AE e PJA, que se inserem nos cantos de S(Ⱥ) e (Ⱥ<>D) da escritura da última curva do grafo, descompletam e complexificam as primeiras notações, promovendo uma releitura do que poderia cristalizar-se como significação única nos cruzamentos grupais. O efeito de uma análise, lançando o desejo no ato de seu testemunho, na torção com a qual o analista autoriza-se, incide em PJA, (Ⱥ<>D), podendo ter nesse *topos* o receptáculo da assunção da castração, corte ocorrido no íntimo dessa passagem ao desejo que só pulsa por não ser conforme as miragens de preenchimento. O Objeto *a*, que de objeto de troca no mercado das demandas, como suporte episódico e objeto que fixa e suporta o desejo no fantasma, pode alçar aí o lugar de causa e de gozo na diferença. É algo de uma convicção da inconsistência do Outro e de um dizer singular que revela o não-universal da linguagem, o que se dá à transmissão. Nem análise, nem nomeação, nem fofoca — é uma retransmissão em testemunho (caixa de ressonância) o que precisa a função dos passadores, estes que ainda são o passe, àqueles analistas que, no redobramento do circuito, suportariam ouvir/ler, produzir e elaborar, afetados por "como" o desejo se articula, a partir da gramática pulsional em jogo, e do que resta da demanda: a enunciação significante trança suas redes passando pelo parcial do tesouro do corpo pulsional. O que fazer com as pulsões, com a força pulsional, o real do gozo e do sexo é uma questão crucial no final da análise que Freud, Lacan e outros levantam, pois as pulsões, perdidas para o orgânico, não se podem eliminá-las, unificá-las, ou preenchê-las (é também ao se desprender do circuito infinito das demandas que o desejo torna-se ato de um vazio a outro, de

um desejo a outro, ganhando em perda a dimensão do genital.) No ponto-passo S(Ⱥ) ou AE, na grande curva, salta o símbolo Φ que, de sua irredutibilidade, na escansão legal do seu silêncio, ordena a cadeia no desejo, permitindo dizer, prazer e gozo. O Φ responde com o impronunciável ao "que queres?" do Outro, se ele existisse. É neste canto calado, mas que faz falar, que Lacan vai destinar o lugar do analista como presença real, que se vale do desejo em ato.[11] Correlativamente ao lugar da ausência significante, temos (posteriormente em Lacan) a positivação do objeto *a* como causa na irrupção radical de seu vazio. Objeto esvaziado, mas não qualquer um,[12] a ponto de operar no analítico sem recusar, nem ceder, aos revestimentos supostos, até consentir em sua demissão. Na avaliação dos efeitos dessa transmissão desde o não-todo, o júri pode, então, concluir, conduzindo a elaboração a partir dos pedaços de real, da verdade semi-dita,[13] que em uma análise podem vir à luz e na apreensão das ressonâncias do desejo do analista. Saberes de borda, criação e/ou invenção, que poderíamos chamar de *suplências*, no ponto opaco e aberto que resiste à prótese rígida da verdade toda: avanços que podem acontecer tanto para quem presta o testemunho como para quem nele trabalha. A reverberação da causa implica e convoca "os todos" — a diversidade —[14] dos que estão na psicanálise, ao visar o real tão freqüentemente escamoteado e de tantas formas recusado na civilização, mas em torno do qual a práxis analítica edifica-se e que, para nós, a cada vez que emerge, não pode ser desconsiderado.

Resta E, a Escola. Tão pouco natural, que talvez não seja necessária. Então, para que ela exista, é preciso que alguns queiram. Mas, quando alguns querem, ela vem a ser necessária, para que a contingência do analista continue a motivá-la, cessando por um instante o impossível de se transmitir, provocando nosso saber e justificando nossa prática. A construção de uma Escola desde as formações do inconsciente — desde a experiência analítica — pode ser não só uma Escola de analistas em formação, mas, ainda, uma formulação analítica de Escola.

[11] Lacan. *O seminário: livro VIII*, p.264.

[12] Lacan. Discurso a E.F.P., p.37; Lacan. Nota italiana, p.51.

[13] Lacan. Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI*, p.61.

[14] Lacan. Sobre a experiência do passe, p.57.

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Escritos.* Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro VIII* – A transferência (1960/61). Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. Proposição sobre o psicanalista da escola (1967). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.29-42.

LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 – 1ª versão. *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.7-19.

LACAN, Jacques. Um procedimento para o passe (1967). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.20-5.

LACAN, Jacques. Discurso à E.F.P. (1967). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.26-43.

LACAN, Jacques. Discurso de J. Lacan aos AE e AME da E.F.P. – versão oral (1967). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.23-33.

LACAN, Jacques. Proposição A - Princípios referentes ao acesso ao título de psicanalista da escola freudiana de Paris (1969). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.44-6.

LACAN, Jacques. Mensagem do júri de acolhimento à assembléia antes de seu voto (1969). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.47-9.

LACAN, Jacques. Nota italiana I (1973). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.50-3.

LACAN, Jacques. Sobre a experiência do passe (1973). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.54-9.

LACAN, Jacques. *O seminário: livro XXI* – Les non dupes errent (1973/74). (Inédito).

LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do *Seminário XI* (1976). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.60-2.

LACAN, Jacques. Jornadas sobre a experiência do passe (1978). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.63-4.

LACAN, Jacques. Conclusões - Congresso sobre a transmissão (1978). In: *Documentos para uma escola – Lacan e o passe. Revista Letra Freudiana.* Ano 1, n.0. p.65-7.

resumo

O propósito do texto é tentar traçar a partir da "Proposição" de Lacan sobre o psicanalista da escola e de outros textos, os caminhos críticos que o levam a desenhar uma escritura do que propõe como *gradus* e que faz a distinção nas qualificações analíticas. Nesta leitura, as nominações buscam diferentemente de titulações asseguradas, garantias que justifiquem uma escola em trabalho e que se suportam no não todo do desejo que se formula em matema. Isto relança os conceitos em renovada pergunta: De que são feitos um analista e uma escola de psicanálise?

abstract

The purpose of this text is to trace, from Lacan's "Proposition" on the psychoanalyst of the school, among other texts, the critical paths which take him to draw a writing of what he calls *gradus* and which makes the difference in the analytical qualifications. In this reading, the nominations seek, instead of assured entitlements, a guarantee which justifies a working School, which supports itself in the non-total of the desire which formulates itself into mathem. This launches the concepts in a renewed question: What are an analyst and a School of psychoanalysis made of?